

# METODOLOGIA DO ENSINO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL RURAL E DA PROMOÇÃO SOCIAL



Serviço Nacional de  
Aprendizagem Rural

SBN Qd. 01 - Ed. Palácio da Agricultura, 1º e 2º andares  
CEP: 70040-908 - Brasília - DF  
Fones: (61) 326 5256 - Fax: (61) 326 2093  
[www.senar.org.br](http://www.senar.org.br)



Serviço Nacional de  
Aprendizagem Rural

## **SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL (SENAR)**

### **Presidente do Conselho Deliberativo**

Antônio Ernesto de Salvo

### **Entidades Integrantes do Conselho Deliberativo**

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil - CNA

Confederação dos Trabalhadores na Agricultura - CONTAG

Ministério do Trabalho e Emprego - MTE

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA

Ministério da Educação - MEC

Organização das Cooperativas Brasileiras - OCB

Agroindústrias / indicação da Confederação Nacional da Indústria - CNI

### **Secretário Executivo**

Geraldo Gontijo Ribeiro

### **Chefe do Departamento de Educação Profissional**

Carla Barroso da Costa

## **Coleção SENAR - Recursos Instrucionais**

Série Metodológica nº 6 - Metodologia do Ensino da Formação Profissional Rural e da Promoção Social

# **METODOLOGIA DO ENSINO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL RURAL E DA PROMOÇÃO SOCIAL**

**3ª EDIÇÃO, ATUALIZADA**

**BRASÍLIA, 2005**

**COPYRIGHT © 1995, by Serviço Nacional de Aprendizagem Rural  
2005, 3ª edição, atualizada**

**SÉRIE METODOLÓGICA – Nº 6  
METODOLOGIA DO ENSINO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL RURAL  
E DA PROMOÇÃO SOCIAL**

**Coordenação**

Carla Barroso da Costa – Adm. Central

**Equipe Técnica**

Antônio do Carmo Neves - UFV

Áurea Maria Guedes de Araújo – Adm. Central

Carla Barroso da Costa - Adm. Central

Deimiluce Lopes Fontes – Adm. Central

José Luiz Rocha Andrade – Adm. Central

Márcia Andrea Athayde Florêncio Weber – Adm. Central

Leci Soares de Moura e Dias - UFV

Mary Caixeta Marinho

Paulo Fernando da Glória Leal - UFV

Renata Ramos Ribeiro – Adm. Central

Sônia Maria Leite Ribeiro do Vale - UFV

**Digitação** - Roziane Gomes de Souza - Adm. Central

**Revisão de Texto** - Margaret de Palermo Silva

**Projeto Gráfico** - Montandon Comunicação

Preparada por

Beatriz Coelho Caiado (CRB 1-247)

Brasil. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

Metodologia do ensino da formação profissional rural e da promoção social

/ coord. Carla Barroso da Costa.— 3. ed. atual. -- Brasília: SENAR, 2005.

80 p. ; 21 cm – (Série Metodológica; n. 6)

ISSN 0104-3226

1. Formação profissional - Zona rural – Brasil - Metodologia. 2. Ensino profissionalizante – Metodologia. 3. Aprendizagem rural. I. Costa, Carla Barroso da , coord. II. Título. III. Série.

CDU 377.354(072)(81-22)

IMPRESSO NO BRASIL

- LIBÂNEO, J.C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- LEAL, P. S. G. Formação profissional rural: uma visão do processo. In: *Cenário rural*. Brasília: SENAR, 2003, pp: 41-48.
- LOPES, A. O. et al. *Técnicas de ensino: por que não?* Campinas/SP: Papirus, 2002.
- LOPES, A. O. et al. *Repensando a didática*. Campinas/SP: Papirus, 1996.
- MASETTO, M. T. *Aulas vivas*. São Paulo: MG Editores Associados, 1992.
- NEVES, A. C., NEVES, R. R. Elaboração e uso dos recursos instrucionais auxiliares. In: *Cenário rural*. Brasília: SENAR, 2003, pp: 81-93.
- PEREIRA, L. FORACCHI, M.M. (Org.). *Educação e sociedade*. 11. ed<sup>a</sup>. São Paulo: Nacional, 1983. 449p.
- PINTO, A. V. *Sete lições sobre educação de adultos*. 7<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1991. 118p.
- RAMOS, I. M. *Planejamento, execução e avaliação de projetos*. Brasília: SENAR, 1989. 17p. Apostila.
- RAMOS, I. M. *Metodologia do ensino da formação profissional rural*. Brasília: SENAR, 1995. 78p.
- SANTOS, E. F., SANTOS, M. C. O. *Métodos e técnicas pedagógicas*. Brasília: [s.n.], 1993. 41p. Convênio IICA/INCRA.64
- SANT'ANNA, I. M., MENEGOLLA, M. *Didática: aprender a ensinar*. São Paulo: Loyola, 1989.
- SANT'ANNA, F. M. et al. *Planejamento de ensino e avaliação*. Porto Alegre: Sagra – DC Luzzatto, 1995.
- RAMOS, I. M. (Coord.). *Listagem das ocupações do meio rural a serem atendidas pelo SENAR*. Brasília: SENAR, 1989. 13p. il.

## SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	7
APRESENTAÇÃO .....	9
INTRODUÇÃO .....	11
I FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO.....	13
II PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	25
III FORMAÇÃO PROFISSIONAL RURAL (FPR) E PROMOÇÃO SOCIAL (PS) .....	33
IV ELABORAÇÃO DO PLANO INSTRUCIONAL.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	75

## BIBLIOGRAFIA

BORDENAVE, J. D., Wertheim, J. *Educação rural no terceiro mundo*. Trad. de Lúcia Teresa Lessa Carregal e Paulo Roberto Kramer. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 370p.

\_\_\_\_\_. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1977. 312p.

BRANDÃO, C. R. *Educação popular*. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 86p.

\_\_\_\_\_, CHANI, M. et al. *O educador: vida e morte*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Brasil, 1985. 137p.

\_\_\_\_\_. *O que é educação*. 12ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 116p.

BRASIL. Serviço Nacional de Formação Profissional Rural - SENAR. *Manual do instrutor para formação profissional rural*. Brasília: 1985. 57p.

\_\_\_\_\_. *Técnicas de ensino aplicado à formação profissional rural*. Brasília: 1983. 47p. il.

D'ELORS, J. Os quatro pilares da educação. In: *Educação, um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1998, cap. 4.

FERREIRA, O. M. C., JÚNIOR, P. D. S. *Recursos audiovisuais no processo ensino-aprendizagem*. São Paulo: EPU, 1986.

FERREIRA, R. M. *Sociologia da educação*. São Paulo: Moderna, 1993. 223p.

FREIRE, P., OLIVEIRA, R. D. de, OLIVEIRA, M. D. de, et al., C. *Vivendo e aprendendo*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 128p. il.

GAGNÉ, R. M., MEDSKER, K. L. *The conditions of learning*. New York: Wadsworth Group/Thomson Learning, 1996.

GHIRALDELLI Jr., P. *O que é pedagogia*. 4ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 78p.

HAIDT, R.C.C. *Curso de didática geral*. São Paulo: Ática, 2001.

LAASER, W. (Org.). *Manual de criação e elaboração de materiais para educação a distância*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

VERBOS PARA ELABORAÇÃO DE OBJETIVOS

DOMÍNIO PSICOMOTOR

ABASTECER	COMPOR	DESTERROAR	FAZER	MANIPULAR	REAGRUPAR	SOBREPOR
ABRIR	CONDUZIR	DISPOR	FECHAR	MARCAR	RECOLOCAR	SUBSTITUIR
ACONDICIONAR	CONECTAR	DISSOLVER	FIRMAR	MEDIR	RECONSTRUIR	SUSTENTAR
ADAPTAR	CONFECCIONAR	DIVIDIR	FIXAR	MODIFICAR	RECONTAR	TECER
ADICIONAR	CONSELTAR	DOBRAR	FLAMBAR	MOER	RECORTAR	TESTAR
AFIAR	CONSTRUIR	DUPLICAR	FRANZIR	MONTAR	REDUZIR	TIRAR
AFROUXAR	CONTORNAR	EMBALAR	FURAR	MOSTRAR	REGAR	TOCAR
AGRUPAR	CONTROLAR	EMPACOTAR	GIRAR	MOVER	REGULAR	TORCER
AJUSTAR	CONVERTER	EMPURRAR	GRADUAR	NUMERAR	REMOVER	TRAÇAR
ALTERAR	COPIAR	ENCAIXAR	GUJAR	OPERAR	REORDENAR	TRANSFERIR
AMARRAR	CORTAR	ENCHER	IDENTIFICAR	ORGANIZAR	REORGANIZAR	TRANSPLANTAR
APLICAR	COSER	ENCURTAR	ILUSTRAR	PASSAR	REPARAR	TRANSPORTAR
APONTAR	CULTIVAR	ENGRAXAR	INCORPORAR	PEGAR	REPARTIR	TRATAR
APROXIMAR	DECAPITAR	ENROLAR	INSERIR	PENDURAR	RETIRAR	TRAZER
ARMAR	DELIMITAR	ESCOLHER	INTERCALAR	PESAR	REUNIR	UNIFORMIZAR
ATAR	DEMONSTRAR	ESMAGAR	INTRODUZIR	PLANTAR	REVESTIR	UNTAR
ATIVAR	DERRUBAR	ESPALHAR	INVERTER	PRATICAR	REVISAR	USAR
AVANÇAR	DESATAR	ESTACAR	IRRIGAR	PREGAR	REVOLVER	VER
BATER	DESCASCAR	ESTENDER	ISOLAR	PRENDER	RISCAR	VESTIR
CARREGAR	DESCOBRIR	ESTICAR	LANÇAR	PREPARAR	SECAR	
COBRIR	DESCONECTAR	ESTRUTURAR	LEVANTAR	PRESSONAR	SECCIONAR	
COLAR	DESDOBRAR	ESVAZIAR	LEVAR	PROTEGER	SEGURAR	
COLETAR	DESENHAR	EXECUTAR	LIMITAR	PROVAR	SELECIONAR	
COLOCAR	DESINFETAR	EXPANDIR	LIMPAR	PUXAR	SEMEAR	

## PREFÁCIO

Nesta edição atualizada da Série Metodológica, levaram-se em consideração as sugestões apresentadas pelos técnicos das administrações regionais, durante encontro para este fim, realizado em Brasília, no período de 3 a 5 de março de 2004, bem como as propostas que foram encaminhadas posteriormente ao Departamento de Educação Profissional da administração central.

Teve-se como referência, ainda, a experiência adquirida pelos técnicos da administração central, ao utilizarem a Série Metodológica em treinamentos ministrados para instrutores, mobilizadores e supervisores, ao longo dos anos de trabalho.

Ressaltamos, além disso, a efetiva participação de professores da Universidade Federal de Viçosa que, a partir de janeiro de 1996, têm colaborado com a administração central na capacitação dos agentes da formação profissional rural e da promoção social.

VERBOS PARA ELABORAÇÃO DE OBJETIVOS

DOMÍNIO AFETIVO				
ACUMULAR	DAR	INFLUENCIAR	PARTILHAR	SUBSCREVER
ADAPTAR	DEFENDER	INICIAR	PERGUNTAR	TRABALHAR
AFIRMAR	DESCREVER	INTEGRAR	PRATICAR	USAR
AGIR	DESEMPENHAR	JUNTAR-SE	PROPOR	VERIFICAR
APONTAR	DETERMINAR	JUSTIFICAR	REORGANIZAR	
APROVAR	DISCUTIR	LOCALIZAR	RESPONDER	
ASSISTIR	DISPOR	MANIFESTAR	REVISAR	
COMPLETAR	ESCOLHER	MEDIAR	SEGUIR	
CONFORMAR	ESTUDAR	MUDAR	SELECIONAR	
CONSIDERAR	GENERALIZAR	NOMEAR	SENSIBILIZAR	
CONVIDAR	IDENTIFICAR	ORGANIZAR	SOLUCIONAR	



## VERBOS PARA ELABORAÇÃO DE OBJETIVOS

## DOMÍNIO COGNITIVO

ANALISAR	DEFENDER	GENERALIZAR	PREDIZER	SINTEZIZAR
APONTAR	DEFINIR	GERAR	PROPOR	SISTEMATIZAR
APRESENTAR	DELINEAR	IDENTIFICAR	PROVAR	SOLUCIONAR
ARGUMENTAR	DESCREVER	ILUSTRAR	PROVER	SUGERIR
ARRANJAR	DESIGNAR	INCLUIR	QUESTIONAR	
AVALIAR	DESTACAR	INDICAR	RASCUNHAR	
CALCULAR	DETECTAR	INFERIR	REAFIRMAR	
CITAR	DETERMINAR	INFORMAR	RECITAR	
CLASSIFICAR	DIFERENCIAR	INSPECIONAR	RECONHECER	
COMBINAR	DISCRIMINAR	INTERPRETAR	RECONTAR	
COMPARAR	DISCUTIR	JULGAR	REELABORAR	
COMPOR	DISTINGUIR	JUSTIFICAR	REESCREVER	
COMPUTAR	ELABORAR	LISTAR	REESTRUTURAR	
COMUNICAR	EMPREGAR	LOCALIZAR	REGISTRAR	
CONCLUIR	ESBOÇAR	MODIFICAR	RELACIONAR	
CONSEGUIR	ESCOLHER	MOSTRAR	RELATAR	
CONSIDERAR	ESPECIFICAR	NOMEAR	RELEMBRAR	
CONTAR	ESQUEMATIZAR	NUMERAR	RENOMEAR	
CONTRASTAR	ESTIMAR	ORDENAR	REORDENAR	
CONVERTER	ESTRUTURAR	ORGANIZAR	REPETIR	
COPIAR	EXEMPLIFICAR	PARAFRASEAR	REPRODUZIR	
CRIAR	EXPLICAR	PARTICIPAR	RESUMIR	
CRITICAR	EXPRESSAR	PLANEJAR	REVISAR	
DEBATER	FORMULAR	PONTUAR	SELECIONAR	

## APRESENTAÇÃO

Um dos maiores investimentos do SENAR é a capacitação de seus instrutores, com o intuito de unir os conhecimentos técnicos já adquiridos por eles ao saber metodológico, fundamental para conduzir com eficiência eventos direcionados aos trabalhadores e produtores rurais.

A produção deste documento visa a auxiliar os instrutores no planejamento e na execução das ações da formação profissional rural (FPR) e atividades da promoção social (PS), assegurando-lhes maneira efetiva de ministrar seus eventos, utilizando metodologia apropriada para a educação de adultos.

Este documento traduz, portanto, a preocupação do SENAR em melhor instruir os agentes envolvidos com o processo da FPR e da PS, constituindo importante fonte de consulta.

**Geraldo Gontijo Ribeiro**  
Secretário Executivo

O tempo para o “quebra-gelo” deverá ser estimado apenas em relação ao primeiro objetivo específico. Este momento consiste em dialogar com os participantes, buscando estimulá-los a falar sobre si mesmos, sobre suas experiências, sua rotina, seus costumes, propiciando um clima cordial. Este clima deve ser aproveitado pelo instrutor para ampliar o interesse e a expectativa dos participantes quanto ao evento. Também favorece o instrutor, ajudando-o a descontrair-se e adquirir maior segurança para desenvolver o evento.

No caso das demonstrações, para uma estimativa aproximada da realidade, é conveniente que o instrutor as exercite previamente, para determinar o seu tempo e estimar o tempo médio a ser gasto por participante.

Para o cálculo de “Z”, são considerados como fatores que influem na estimativa de tempo dos imprevistos: aspectos ligados à mobilização, à complexidade do conteúdo, à experiência do instrutor, ao apoio logístico, a fatores climáticos, entre outros.

Com base nesses dados e sabendo que as ações/atividades devem atender a diferentes realidades, a carga horária pode variar para cada situação ou para cada turma.

## 2.6 CARGA HORÁRIA

A carga horária é o último componente do plano instrucional a ser determinado, pois ela é planejada em função dos objetivos a serem alcançados, do conteúdo a ser desenvolvido, das técnicas instrucionais a serem aplicadas, dos recursos instrucionais a serem utilizados e dos procedimentos adotados para a avaliação da aprendizagem dos participantes.

Os pontos a serem considerados pelo instrutor na determinação da carga horária são:

- tempo necessário para o “quebra-gelo”;
- complexidade do conteúdo;
- quantidade de recursos instrucionais com relação ao número de participantes;
- técnicas instrucionais a serem utilizadas (tempo de aplicação da técnica);
- ritmo de aprendizagem dos participantes (diferenças individuais);
- quantidade de participantes;
- avaliação da aprendizagem;
- experiência do instrutor, entre outros fatores.

Para que a carga horária seja estimada de forma a se aproximar, o máximo possível, da realidade, propõe-se a seguinte fórmula, que deve ser aplicada para cada objetivo específico:

$$CH = [Q + T + X(Y) + A] + Z$$

CH = Carga Horária

Q = Quebra-gelo

T = Tempo utilizado pelo instrutor para desenvolvimento do conteúdo e utilização das técnicas

X = Tempo estimado para a repetição da demonstração por um participante

Y = Quantidade de participantes

A = Avaliação da aprendizagem

Z = Tempo estimado para imprevistos

## INTRODUÇÃO

O presente documento apresenta os fundamentos da educação, da educação de adultos, da FPR e da PS. Trata, também, do processo ensino-aprendizagem, da importância da interação entre o educador e o educando e dos aspectos que propiciam a motivação para a aprendizagem.

Aborda questões relativas ao planejamento das ações da FPR e atividades da PS como peça importante para escolher meios mais eficazes para o alcance dos objetivos das ações/atividades.

No que tange ao plano instrucional, o documento detalha cada um dos elementos que dele fazem parte, apresentando exemplos tanto no que concerne à FPR quanto à PS.

O rico conteúdo deste documento torna-o, sem dúvida, forte componente para auxiliar o instrutor do SENAR a organizar-se, a fim de garantir bom desempenho em suas atividades docentes.

A quem avaliar	O que avaliar
Ao participante	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Resultados de sua aprendizagem em relação aos objetivos</li> <li>• Participação e interação com o grupo da ação/atividade</li> <li>• Iniciativa, criatividade, cooperação com o trabalho em equipe</li> <li>• Melhorias obtidas com relação ao seu perfil de entrada</li> </ul>
A atividade docente (auto-avaliação)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Competência para definir o efeito-impacto desejado pelo processo educativo</li> <li>• Competência técnica ou domínio dos conteúdos e práticas, objetos do ensino-aprendizagem</li> <li>• Competência metodológica para:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- aplicar técnicas instrucionais apropriadas aos objetivos</li> <li>- orientar a ação e a busca de resultados</li> <li>- facilitar a participação e a interação no espaço da formação</li> <li>- estimular a criatividade e desenvolvimento pessoal dos participantes</li> <li>- alcançar os objetivos.</li> </ul> </li> </ul>
O processo ensino-aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O plano instrucional</li> <li>• Adequação dos objetivos com a finalidade da ação/atividade, com os requisitos da ocupação ou atividade a ser desenvolvida pelo participante;</li> <li>• Seleção e estruturação dos conteúdos e a seqüência da aprendizagem</li> <li>• Os métodos e meios que se aplicam, recursos instrucionais e tecnologia da formação</li> <li>• Sistema utilizado para realizar o controle da aprendizagem e avaliação do rendimento</li> <li>• Adequação da carga horária, do local e da organização da ação/atividade</li> <li>• Utilidade do material impresso distribuído.</li> </ul>

evento. O parâmetro de comparação para essa tomada de decisão do instrutor é o perfil de entrada e o de saída do participante da ação/atividade.

Além disto, a avaliação somativa permite ao instrutor validar sua atuação na aplicação do programado e avaliar sua capacidade técnico-pedagógica, incorporando melhorias e atualização metodológica. Pode, ainda, estimar a eficácia no alcance dos objetivos da ação/atividade, comprovar a adequação dos conteúdos e atividades desenvolvidos, detectar fragilidades no programa e efetuar modificações oportunas e convenientes.

## PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação deve ser realizada de forma integral, vinculando todos os domínios da aprendizagem.

### Avaliação do domínio cognitivo

Para se avaliar o conhecimento ou capacidades intelectuais dos participantes, é possível recorrer a diferenciados procedimentos, sendo que o questionamento oral tem sido mais utilizado junto à clientela do SENAR. Testes escritos podem ser utilizados, considerando a adequação à realidade dos participantes.

### Avaliação de domínio afetivo

Apesar das dificuldades de se avaliarem as mudanças de atitudes dos participantes, essa avaliação pode ser realizada, desde que se identifiquem desempenhos passíveis de serem observados.

Para tanto, podem ser usados, como procedimentos, a observação de desempenho, a observação da participação e o questionamento oral como principais instrumentos de avaliação, estabelecendo paralelos e comparações entre as atitudes e opiniões apresentadas pelos participantes ao longo do processo ensino-aprendizagem.

### Avaliação do domínio psicomotor

Para se fazer a avaliação desse domínio, é importante utilizar procedimentos condizentes com a situação a ser avaliada e a complexidade da mesma. O principal deles é a observação de desempenho.



# I- FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

## 1 - ASPECTOS CONCEITUAIS

*Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 1994, p. 7).*

Discutir educação é considerar o modo cotidiano de agir, de realizar, de se viver com responsabilidade, com espírito aberto ao diálogo e olhos voltados para o futuro, atento às mudanças aceleradas que ocorrem no mundo de hoje. Discutir educação é refletir sobre o papel e a função que ela exerce na sociedade. Sendo assim, educação tem a ver com os aspectos culturais e sociais que norteiam a vida das pessoas.

A educação considera, ao mesmo tempo, o indivíduo e a sociedade. Como prática social, existe na forma de:

- **educação formal** - segue as diretrizes do Ministério da Educação;
- **não-formal** - sistematizada, organizada, mas não estruturada em graus de ensino; e
- **informal** - assistemática, desenvolvida no dia-a-dia, por diversas maneiras e fontes.

A educação apresenta os aspectos restrito e amplo: restrito, quando trabalha individualmente a pessoa na época em que ela é criança, jovem ou adulta; e amplo, quando considera a pessoa inserida em um contexto social.

A sociedade é o espaço para o exercício do trabalho, da liberdade, da transformação e da realização. O indivíduo é moldado pela sociedade, mas também age no sentido de transformá-la. Se a sociedade hoje existe de determinada forma, ela é resultante das ações humanas.

A educação é um ato social, cultural e individual. Como ato social, considera a sociedade como um todo, e cada meio social em particular, determinando o ideal que a educação cumpre. Em todas as sociedades, a educação tem um componente homogeneizador, contribuindo para que todos os indivíduos tenham valores, crenças e normas de condutas semelhantes, e um componente diferenciador, isto é, prepara diferentemente os indivíduos para as diversas necessidades da sociedade (profissões diferenciadas).

Como ato cultural, a educação inclui todos os artefatos e produtos da consciência coletiva de determinada sociedade: a linguagem, a ciência e a tecnologia, os valores, as crenças, as normas e os hábitos e costumes constituem os principais elementos da cultura. O conteúdo da educação é, essencialmente, formado por elementos da cultura de uma sociedade, em dado momento de sua história, e, portanto, depende do seu estágio de desenvolvimento.

Como ato individual, implica o esforço dos próprios indivíduos para se apropriarem dos elementos da cultura produzidos por sua sociedade, que lhes servem para interpretar os acontecimentos e orientar suas ações, com vistas à convivência, à mobilidade social e à transformação dessa mesma sociedade.

Portanto, discutir educação implica compreender as relações recíprocas indivíduo-sociedade e as suas funções, quais sejam:

- **função socializadora** - consiste na formação das pessoas na e para a sociedade. Cada sociedade tem seus modos e conteúdos próprios de educação, portanto, diferentes de uma cultura para outra, necessários à vida e à reprodução da ordem de cada tipo de sociedade em dado momento de sua história;
- **função adaptadora** - aqui, a educação cumpre o objetivo de levar as pessoas a se adaptarem, quando o rumo e a velocidade das mudanças do mundo moderno e globalizado exigem mais de cada

permitted que o instrutor execute sua ação/atividade com maior confiança, flexibilizando conteúdos e fomentando a participação de todos.

**Avaliação formativa** - É efetuada durante a realização da ação/atividade, com a intenção de identificar o domínio e alcance dos objetivos específicos, ou seja, os alcances parciais do objetivo geral.

Para que se processe a avaliação formativa, é necessário:

- determinar objetivos com os seus elementos: ação, condição e critério ou padrão de desempenho;
- propiciar alternativas de correção ante os desvios detectados e as dificuldades no alcance parcial do objetivo geral.

A avaliação formativa objetiva conhecer, analisar e avaliar os resultados parciais que o participante obtém, no decorrer do processo ensino-aprendizagem. Proporciona informação sobre os avanços, sucessos, dificuldades e obstáculos encontrados no processo formativo para induzir ações corretivas, se necessárias.

Para aplicar, didaticamente, a avaliação formativa, o instrutor deve atuar de modo tal que seja capaz de:

- utilizar questionamentos orais propiciando oportunidade para que todos participem e demonstrem o nível de seu aprendizado;
- promover a observação de desempenho de todos os participantes, de maneira sistemática e objetiva;
- realizar a observação da participação dos educandos.

**Avaliação somativa** - É a verificação, ao final do processo educativo, do alcance dos participantes em relação ao objetivo geral proposto.

A avaliação somativa tem como base os alcances parciais (objetivos específicos) durante a execução da ação/atividade.

É pela avaliação somativa que o instrutor conclui se houve mudanças/transformações no conhecimento, habilidades e atitudes do participante diante do processo ensino-aprendizagem ocorrido durante a execução do

Sendo assim, avaliação é o julgamento feito a partir de uma análise comparativa entre os resultados obtidos e os padrões preestabelecidos.

O processo de avaliação deve ser desenvolvido considerando a coerência entre o planejado e o executado pelo instrutor, e o alcance do(s) objetivo(s) da ação/atividade pelos participantes.

Avaliar a aprendizagem é verificar as mudanças e transformações do conhecimento, da habilidade e da atitude do participante, mediante comparação entre o perfil de entrada e o de saída no decorrer e ao final do processo ensino-aprendizagem.

Vale lembrar que o processo de avaliação do ensino-aprendizagem tem duas vias: a análise do trabalho desenvolvido pelo participante e do trabalho executado pelo instrutor (auto-avaliação). Isto porque a avaliação da aprendizagem está diretamente vinculada à avaliação do próprio trabalho docente. Ao avaliar o que o participante aprendeu, o instrutor avalia também a sua eficácia no ato de ensinar.

## ETAPAS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

O processo de avaliação deve ser realizado em diferentes momentos, ou seja, no início, durante e depois da ação/atividade.

**Avaliação diagnóstica** - É realizada no início da ação/atividade, com a intenção de identificar o perfil de entrada dos participantes e providenciar ajustes ao plano instrucional, caso necessário.

Os indicadores para a avaliação diagnóstica são os seguintes:

- o nível de conhecimento que os participantes possuem diante dos objetivos propostos;
- as necessidades, os interesses e as potencialidades dos participantes.

As informações sobre cada participante, obtidas com a avaliação diagnóstica, por meio da auto-apresentação e de questionamentos,

indivíduo e da sociedade em geral: uma constante atualização de conhecimentos, competências e atitudes, para sua melhor inserção na nova ordem socioeconômica, tendo, porém, como pressuposto, uma adaptação de forma crítica e consciente;

- **função transformadora** - neste sentido, a educação constitui um dos principais meios de realização da mudança social. Deixa de ser vista como somente um compromisso da sociedade para com o indivíduo, passando a ser concebida como investimento. Possibilita tornar os homens agentes de transformação, numa perspectiva de garantir a evolução social e econômica da sociedade, buscando a equidade e a justiça social.

O processo educativo é concebido como sendo gradual, continuado e permanente:

- **gradual**, no sentido de que deve ser construído, ou seja, um saber mais complexo exige conhecimentos prévios;
- **continuado**, no sentido de ser um processo que se inicia desde que o indivíduo nasce, prolongando-se por toda a vida;
- **permanente**, sob o enfoque da sociedade, por ser um processo que se reproduz em gerações sucessivas.

Assim sendo, educação está associada aos aspectos pessoais, culturais, sociais e econômicos da vida dos indivíduos, do grupo, da comunidade e da sociedade. Possibilita transformações na pessoa, modificando a visão dela mesma e do mundo em que vive, capacitando-a a interagir com outros indivíduos e com a natureza para transformar a realidade em que está inserida.

Conceituando, temos, então, que educação é um processo gradual, continuado e permanente de adaptação, transformação e evolução das pessoas inseridas em um contexto socioeconômico, político e cultural.



## 2 - OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO

Uma das atribuições da educação é capacitar o indivíduo para a vida em sociedade. Para que isso ocorra, a educação deve abranger quatro aprendizagens fundamentais, que são os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser. Estas quatro vias do saber tornam-se apenas uma, devido à interdependência entre elas na complementação de seus conceitos.

### Aprender a conhecer

Tipo de aprendizagem que tem como finalidade o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir. Para isso a educação deve criar formas para que a escolaridade tenha seu tempo prolongado. Significa dizer que deve ser proporcionado ao adulto o prosseguimento dos estudos, fazendo-o perceber que o aumento do saber o faz compreender melhor o ambiente, sob os seus diversos aspectos, e com isso tornar-se mais crítico e atualizado.

Enfim, para aprender a conhecer, antes de tudo, o indivíduo deve aprender a aprender.

### Aprender a fazer

Aprender a conhecer e aprender a fazer são, em larga medida, indissociáveis. O indivíduo aprende e põe em prática os seus conhecimentos. Para que isso ocorra, é mister perceber que o ato de educar transpõe a ação de ensinar o participante a realizar uma tarefa que envolva simplesmente o domínio psicomotor (habilidade).

### Aprender a conviver

Para que todos possam aprender a viver juntos, a educação tem um papel importantíssimo: o de lidar com conflitos humanos de forma a produzir mudanças, desde a simples idéia de ensinar a não-violência, até a aceitação da diversidade social. Porém, deve utilizar duas vias complementares: primeiro, a descoberta progressiva do outro; segundo, ao longo de toda a

forma, a administração regional e o mobilizador terão condições de providenciá-los na quantidade e na qualidade adequadas.

## CONSIDERAÇÕES QUANTO À UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS INSTRUCIONAIS

Ao utilizar os recursos instrucionais, o instrutor deve estar atento a alguns cuidados importantes, como:

- testar os recursos previamente;
- apresentá-los e utilizá-los no momento oportuno;
- controlar o tempo necessário para sua utilização;
- estudar todas as fontes que expliquem as maneiras eficientes e eficazes de sua utilização.

Importante se faz enfatizar que a utilização de vários recursos instrucionais não garante, necessariamente, a efetividade da aprendizagem. Isto porque a forma como se usa o recurso pode levar à passividade do educando, tornando-o mero expectador do processo. Os recursos instrucionais encontram sua devida aplicação na metodologia participativa, quando usados para suscitar situações-problemas (NEVES e NEVES, 2003).

## 2.5 AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

A avaliação é um processo sistemático, contínuo e integral, destinado a determinar em que medida foram alcançados os objetivos previamente determinados. Se o ato de ensinar e aprender consiste na tentativa do alcance aos objetivos propostos, avaliar assume também um caráter orientador e cooperativo.

A avaliação inicia-se com a formulação de objetivos e requer elaboração de meios para obter evidência e interpretação dos resultados, para saber em que medida tais objetivos foram alcançados, formulando um juízo de valor.



**Recursos instrucionais auxiliares** - São considerados como reforço da aprendizagem dos participantes da ação/atividade. Por exemplo: retroprojetores, cartazes, vídeos, cartilhas, álbuns seriados, quadros-de-giz, quadros magnéticos etc.

Os recursos instrucionais devem ser utilizados pelo instrutor de forma planejada, para se obter êxito no processo ensino-aprendizagem. São chamados meios porque se caracterizam como suporte à aprendizagem e, não, como finalidade em si. A criatividade do instrutor bem como sua percepção quanto às características e efetividade de cada recurso são elementos fundamentais para a eficácia do processo ensino-aprendizagem.

### ADEQUAÇÃO DOS RECURSOS INSTRUCIONAIS

Os recursos instrucionais devem ser adequados aos objetivos, ao conteúdo, às técnicas instrucionais e à realidade dos participantes. Além disso, ao selecionar cada recurso instrucional, o instrutor deve observar se ele:

- é adequado às características e à quantidade de participantes;
- é apropriado ao local da ação/atividade;
- desperta atenção e interesse dos participantes;
- contribui para a compreensão do assunto;
- simplifica os assuntos mais complexos;
- fornece informações complementares.

### DISPONIBILIDADE DOS RECURSOS INSTRUCIONAIS

Os recursos instrucionais devem ser elaborados, produzidos e/ou providenciados em tempo hábil e na quantidade suficiente ao número de participantes.

Para tanto, ao relacionar os recursos instrucionais, o instrutor deve informar a quantidade necessária à consecução da ação/atividade. Dessa

vida, a participação em projetos comuns, que parece um método eficaz para evitar ou amenizar conflitos latentes.

### Aprender a ser

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total do indivíduo: corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético e responsabilidade pessoal e profissional. Todos os seres humanos devem ser preparados para agir nas diferentes circunstâncias da vida, possibilitando-lhes o exercício da autonomia e criticidade.

O ser humano deverá estar preparado para as mudanças, no sentido de que toda a tecnologia agora existente não o impeça de continuar experimentando e descobrindo o novo.

## 3 - EDUCAÇÃO DE ADULTOS (ANDRAGOGIA)

Propostas de ensino para adultos devem diferir, em natureza, das atividades pedagógicas destinadas a crianças, embora as diretrizes e procedimentos se identifiquem em muitos aspectos, dadas algumas características até certo ponto universais do processo de aprendizagem.

No processo de aprendizagem de crianças e de adultos existem, então, semelhanças e diferenças.

### Semelhanças

No aspecto referente às semelhanças, ressaltam-se as seguintes:

- a) a de ser um processo gradual;
- b) a questão da atividade prática na aquisição de conhecimentos, válida tanto para o aprendizado de habilidades motoras quanto cognitivas. No meio rural existe, com maior intensidade, entre

crianças e adultos, semelhança fundamental no processo de aprendizagem - a atividade prática como base do aprendizado. Isto se deve à constatação de que a criança, muito cedo, é integrada efetivamente ao mundo da produção, compondo a força de trabalho familiar. A atividade prática, então, dá unidade e continuidade ao processo de aquisição de conhecimento, até quando se tornar adulta;

- c) a importância da participação ativa no processo de aprendizagem. Tanto a criança quanto o adulto aprendem melhor pela participação ativa. Esta ênfase é um dos pressupostos de ensino defendidos pela didática renovada, para qualquer faixa etária.

### Diferenças

No que diz respeito às diferenças, estas se originam do acervo cultural que possuem a criança e o adulto, sendo que este, por suas vivências e conhecimentos, tem maior capacidade de associação com o mundo prático.

Outras diferenças referem-se aos interesses, necessidades e processo mental peculiares a cada faixa etária.

## 3.1 FORMAS DE MEMÓRIA E PROCESSO DE MEMORIZAÇÃO

A memória e a memorização são elementos do processo de aprendizagem.

Como **memória**, entende-se a faculdade de reter idéias, sensações e impressões adquiridas anteriormente e o efeito da faculdade de lembrar.

Como **memorização**, entende-se o processo de acumulação de novos elementos de conhecimento na mente.

A capacidade de retenção na memória, como processo físico-biológico, diminui à medida que os anos avançam. Por outro lado, no adulto, a memória torna-se mais seletiva e especializada. O ser humano mais velho retém, com muito mais facilidade, o que lhe interessa, isto é, o conhecimento que para ele possui um significado prático ou emocional.

### Como aprendemos

1%	através do paladar
1,5%	através do tato
3,5%	através do olfato
11%	através da audição
83%	através da visão

### Porcentagens dos dados retidos pelos estudantes

10%	do que lêem
20%	do que escutam
30%	do que vêem
50%	do que vêem e escutam
70%	do que dizem e discutem

Método de ensino	Dados retidos depois de 3 horas	Dados retidos depois de três dias
Somente oral	70%	10%
Somente visual	72%	20%
Oral e visual simultaneamente	85%	65%

Socony-Vacuum Oil Co. Studies.  
Ferreira e Júnior (1986, p.5)

Os recursos instrucionais são todos os materiais passíveis de serem utilizados para facilitar o processo ensino-aprendizagem. Estimulam os órgãos dos sentidos e auxiliam o aprendizado. Por isso, será por meio da manipulação, contato ou visualização com eles que se processará a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados aos objetivos e ao conteúdo da ação/atividade.

## CLASSIFICAÇÃO DOS RECURSOS INSTRUCIONAIS

**Recursos instrucionais essenciais** - São aqueles considerados indispensáveis e insubstituíveis, utilizados durante a execução das ações / atividades. Exemplos:

- recursos naturais (plantas, animais, terra, água, frutas etc.);
- máquinas, equipamentos e implementos (tratores, motoniveladoras, arados, pulverizadores, máquinas de costura etc.);
- ferramentas e utensílios (enxadas, alicates, canivetes, baldes, agulhas etc.);
- insumos (defensivos, tecidos, vacinas, medicamentos etc.).

## 2.4 RECURSOS INSTRUCIONAIS

É reconhecido, há muito, entre os estudiosos, que o conhecimento, antes de ser trabalhado pela razão, passa pelos sentidos. Este pensamento já era ressaltado na pedagogia de Comenius, conforme citado por Haidt (2001), que afirmava:

*(...) associe-se sempre o ouvido à vista, a língua à mão, ou seja, não apenas se narre aquilo que se quer fazer aprender, para que chegue aos ouvidos, mas represente-se também graficamente, para que se imprima na imaginação por intermédio dos olhos. (p. 227)*

Esta referência expressa a importância dos órgãos do sentido no processo de aprendizagem. Ressalta-se porém que a deficiência em um ou mais dos sentidos não compromete a capacidade da aprendizagem. O quadro a seguir apresenta a porcentagem de retenção na memória.

O adulto, em meio à grande quantidade de informações que o atingem diariamente, aprende com maior rapidez que a criança aquilo que, para ele, tem valor prático. Além disso, para o adulto, não é tão importante memorizar o novo conhecimento isoladamente, mas integrá-lo aos seus conhecimentos prévios, sistematizando-os em conjuntos harmoniosos e totalizantes. Isso acontece porque o adulto valoriza muito mais a compreensão de fenômenos e processos que a simples retenção na memória. Portanto, as explicações dos fenômenos e as relações de causa-efeito assumem grande importância para o adulto. Se assim for, o conhecimento novo reveste-se para o adulto de “significado prático”, útil na orientação de sua atividade.

### 3.1.1 NÍVEIS DE MEMÓRIA

**Memória sensorial** – envolve a apreensão de sinais através dos órgãos dos sentidos (tato, paladar, audição, olfato e visão), retendo as informações adquiridas por curto espaço de tempo, sem elaborar essas informações.

**Memória de trabalho** – seu conteúdo é informação ativada, ou seja, é aquilo sobre o que se está pensando no momento.

**Memória de longo prazo** – envolve a capacidade de armazenagem permanente de conhecimento resgatado e aplicado, de acordo com uma necessidade específica.

O bom funcionamento de cada um desses níveis de memória permite aplicar aquilo que é memorizado aos problemas diários. À medida que a memória vai acumulando saberes, e à proporção que esses conhecimentos armazenados sirvam como meios de superar ou solucionar situações-problema, está se fazendo uso do que se aprende.

## 3.2 FORMAS E PROCESSOS DE PENSAMENTO NO ADULTO

A forma como o indivíduo pensa tem relação com o seu processo de aprendizagem.

Para o adulto que se encontra vinculado a um processo produtivo desde criança, como é o caso do trabalhador rural, o processo de trabalho

vai constituindo e reforçando uma forma de pensamento que se torna cada vez mais concreta. Esta forma de pensar influi sobre a maneira pela qual ele adquire novos conhecimentos, que se estruturam a partir de proposições particulares e, sobretudo, singulares.

Portanto, os programas educativos para adultos, sobretudo os que estão orientados para trabalhadores rurais, devem considerar as características da estrutura lógica do seu pensamento, que parte sempre:

- do concreto para o abstrato;
- do particular para o geral;
- do simples para o complexo;
- do material para o ideal;
- do singular para o universal;
- do prático para o teórico;
- do conhecido para o desconhecido;
- da ação para a reflexão.

O ritmo de aprendizagem do adulto decorrerá, dentre outros fatores, do seu nível de desenvolvimento, fruto das suas experiências. Por esse motivo, os recursos e técnicas de ensino destinados à aprendizagem de adultos devem privilegiar as experiências concretas, favorecendo assim seu envolvimento no processo de ensino.

### 3.3 A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DA APRENDIZAGEM

A motivação é condição necessária à aprendizagem. Todo aprendizado requer persistência cognitiva. O ato de responsabilizar-se por uma tarefa, por meio de empenho e esforço próprios, em busca de um trabalho de qualidade, é a expressão maior da motivação humana.

No caso específico do adulto, não se pode assumir que, de antemão, ele esteja motivado a aprender quando ingressa em determinada ação educativa. Para Gagné (1996), uma variedade de fatores relacionados às experiências

## ESTUDO DE CASO

Consiste em apresentar aos participantes uma situação real ou hipotética para análise e, se necessário, propor solução. Pode ser aplicado individualmente ou em grupo. É uma forma de se colocar, na prática, os conhecimentos aprendidos.

### Finalidades do estudo de caso:

- estimular a reflexão;
- desenvolver a atitude analítica;
- praticar a capacidade de tomar decisões.

### Planejamento do estudo de caso:

- formular os objetivos educacionais a serem alcançados;
- selecionar o caso a ser estudado;
- definir os pontos que devem ser explorados.

### Desenvolvimento do estudo de caso:

- explicar a técnica do estudo de caso;
- apresentar o caso, relatando-o com os detalhes necessários;
- levantar questões provocativas;
- incentivar a participação;
- extrair as conclusões.

## TEMPESTADE DE IDÉIAS

Fundamenta-se no plano de captar as idéias em estado nascente, antes de serem submetidas aos processos de pensamento lógico. No primeiro momento, em lugar de proceder à análise crítica, a tempestade de idéias trata de preservar a imaginação criativa. O tratamento lógico é feito em momento posterior.

A técnica consiste em levar os participantes a apresentarem sugestões ou idéias sem tipo algum de restrição. Pode ser utilizada para situações que requeiram soluções criativas ou para captar conhecimentos e experiências dos participantes sobre o assunto a ser introduzido.

Portanto, a tempestade de idéias será utilizada toda vez que o instrutor solicitar aos participantes que opinem tempestivamente sobre um tema.

### Finalidades da tempestade de idéias:

- desinibir o grupo;
- desenvolver a imaginação criadora;
- sondar opiniões e percepções;
- incentivar a motivação dos participantes.

### Planejamento da tempestade de idéias:

- estudar profundamente o tema;
- formular a situação-problema.

### Desenvolvimento da tempestade de idéias:

- apresentar a técnica;
- apresentar o tema;
- incentivar a ebulição ou a criação de idéias;
- realizar a sistematização e o tratamento das idéias;
- resumir e avaliar a aplicação da técnica.

prévias do aprendiz, bem como situações instrucionais podem afetar o seu grau de motivação e a forma como ela se expressa no comportamento de esforço da pessoa, durante e após o evento instrucional.

Inicialmente, importante se faz ressaltar que fatores inerentes ao aprendiz (como exemplos, a necessidade de ser competente e a busca por desafios) relacionam-se à motivação intrínseca (interna). Já as recompensas aplicadas externamente (como exemplos, o reconhecimento de seu trabalho por terceiros ou pelo instrutor em atividades pertencentes ao processo ensino-aprendizagem) refletem no que se denomina motivação extrínseca.

Por ser, em geral, mais efetiva e durável, a motivação intrínseca torna-se importante para que o adulto se esforce em adquirir novos conhecimentos e habilidades. No entanto, ações externas de motivação provenientes do instrutor podem ser desenvolvidas em eventos instrucionais, na busca de melhores resultados para os participantes das ações de formação profissional rural (FPR) e das atividades de promoção social (PS).

Um importante aspecto que permeia a motivação e que repercute no comportamento do indivíduo é o sentimento que ele tem de auto-eficácia. Pessoas que acreditam que o sucesso é devido principalmente à própria iniciativa, esforço e habilidade apresentam, geralmente, uma motivação interna maior que pessoas que acreditam mais no sucesso como produto da sorte ou de circunstâncias externas ou provocadas por outras pessoas. Estas, quando participam de ações educativas, geralmente, necessitam de doses maiores de motivação externa.

Outro fator relacionado à motivação é a curiosidade, o desejo de conhecer mais sobre alguma coisa, a procura de novas experiências e exploração de estímulos. Assim, uma das formas de desenvolver a curiosidade no processo educativo é a procura, por parte do instrutor, de trabalhar, junto a conteúdos técnicos, maneiras de revitalizá-los por meio de histórias, elementos emotivos e situações pessoais e profissionais que despertem o interesse em saber mais, ou seja, a curiosidade do aprendiz.

A utilização e a apresentação de objetivos claros, desafiadores em suas intenções, mas alcançáveis, são também um aspecto que alavanca a motivação do aprendiz.

A autonomia no ambiente de aprendizagem também é um elemento significativo para a motivação do aprendiz. A autonomia inclui, por exemplo, a liberdade aos aprendizes para escolher os próprios projetos de trabalho, selecionar seus parceiros de grupo ou para expor sugestões de aprimoramento do processo educativo, quando percebida essa necessidade.

As experiências indiretas são também formas de motivação. Quando o aprendiz vê uma pessoa como ele, tendo sucesso em uma tarefa, torna-se mais propenso a acreditar que pode fazer tão bem quanto o outro. Igualmente, o incentivo ou persuasão verbal de pares e do instrutor afeta a motivação. Expressões como “eu sei que você pode fazer!” ou “você pode fazer ainda melhor!” reforçam o empenho e a determinação do aprendiz.

A participação do adulto no processo educativo torna-se, também, fundamental para sua motivação. Sua participação precisa ser um direito e não uma concessão feita pelo instrutor, pois se assim for, o processo assume caráter impositivo e a partir do exterior, o que pode levar o adulto a não perceber que o novo conhecimento tem a ver com as condições concretas de sua vida.

Ressalta-se que a base do processo de aprendizagem do adulto é a sua experiência pessoal e as condições externas oferecidas para que ele possa se desenvolver e aprender a aprender. Mediante uma compreensão das possibilidades de transformar as condições concretas de sua existência, o adulto se motiva e se interessa pelo novo conhecimento. Sua memória passa a atuar seletivamente, permitindo que o conhecimento adquira uma força que dinamiza sua ação.

### 3.4 A AUTO-IMAGEM NO PROCESSO EDUCATIVO

Considerando-se que o adulto forma uma imagem de si mesmo calcada nas próprias experiências, o que lhe dá um padrão de comportamento do qual ele está seguro de que é correto e o melhor, é necessário que, no processo educativo, a auto-imagem do adulto nunca seja desmerecida, mas preservada e melhorada.

Para qualquer indivíduo adulto, é importante a sua auto-imagem, isto é, a maneira como ele vê a si mesmo diante da sociedade. Grande parte

## DISCUSSÃO

Consiste na reunião de pessoas para, em grupo, refletirem, de forma cooperativa, a respeito de um assunto, explorando o conhecimento comum que possuam dele.

A técnica finaliza no momento em que há acordo no(s) grupo(s), após análise sobre o assunto, compreensão dos argumentos individuais e percepção das conseqüências práticas dos acordos, mesmo havendo pontos de vista divergentes.

A discussão é uma técnica que explora o conhecimento comum, aplica a imaginação construtiva, fortalece a autoconfiança, a motivação, a apreensão do assunto, e retira a passividade de uma única posição.

### Finalidades da discussão:

- desenvolver um tema com a participação ativa e ordenada do grupo;
- chegar a conclusões e decisões cooperativamente.

### Planejamento da discussão:

- ler sobre o assunto;
- definir os objetivos que se deseja alcançar com a aplicação da discussão;
- formular o assunto exato da discussão;
- preparar o roteiro da discussão;
- disponibilizar e preparar o local para a aplicação da técnica.

### Desenvolvimento da discussão:

- apresentar o assunto da discussão;
- levantar questões estimuladoras;
- coordenar o desenvolvimento da discussão;
- extrair as conclusões com o(s) grupo(s).

- selecionar e testar o equipamento;
- preparar outros recursos instrucionais, se for o caso;
- planejar os meios de avaliação.

### **Desenvolvimento da demonstração:**

A demonstração acontece em quatro fases distintas:

#### Fase 1 - Preparação:

- dispor convenientemente os participantes;
- fazer introdução motivadora;
- explicar como será desenvolvida a demonstração.

#### Fase 2 - Apresentação:

- apresentar a operação em ritmo normal;
- apresentar a operação em ritmo lento;
- repetir a operação em ritmo normal.

**OBS.:** A apresentação nestes três passos dependerá da possibilidade de a operação ser realizada em ritmo lento, bem como da complexidade da operação para o participante.

#### Fase 3 - Aplicação:

- levar cada participante a executar a operação passo a passo;
- supervisionar a execução, dando informações sobre o desempenho.

#### Fase 4 - Verificação:

- levar cada participante a executar integralmente a operação;
- avaliar o desempenho de cada participante.

desta imagem é formada a partir dos papéis que ele desempenha, do valor das atividades produtivas que ele realiza, da valorização atribuída ao seu trabalho e às suas experiências de vida acumuladas.

É necessário valorizar a experiência acumulada, oportunizando, ao adulto, a percepção de que as novas informações, integradas às que já possui, dar-lhe-ão ganhos em suas atividades socioeconômico-produtivas.



- apresentar os recursos instrucionais no momento adequado;
- realizar questionamentos, exemplificações, sínteses e discussões, sempre que oportuno;
- elaborar síntese com a colaboração dos participantes;
- tirar conclusões com a participação de todos.

## DEMONSTRAÇÃO

Consiste em ensinar, na prática, como se executa uma operação, passo por passo. É fundamental para o ensino de habilidades motoras, nas quais o movimento físico e o manuseio de objetos devem ser desenvolvidos, bem como a destreza mental. É a técnica do “aprender a fazer fazendo”.

Quando da demonstração, o instrutor enfatiza os exercícios necessários para a realização da tarefa proposta e traz à tona o raciocínio, por meio de questionamentos, para que tal tarefa possa ser realizada a contento, levando em questão não somente o domínio da aprendizagem psicomotora, mas também a cognitiva e a afetiva. Ao agir dessa forma, o instrutor estará encorajando os participantes a expor suas idéias, a discordar, a argumentar, colocando à mostra os seus saberes da experiência.

### Finalidades da demonstração:

- desenvolver destrezas e habilidades psicomotoras exigidas pelo trabalho;
- permitir a visualização imediata dos procedimentos, na ordem em que devem ser executados;
- proporcionar a oportunidade de exercitar e provar os conhecimentos adquiridos, em condições que correspondam à realidade do trabalho.

### Planejamento da demonstração:

- organizar a seqüência da demonstração;



## EXPOSIÇÃO DINAMIZADA

Consiste na apresentação oral de um tema organizado em seqüência lógica, contínua e desenvolvido de forma dinâmica, favorecendo a participação do educando no processo ensino-aprendizagem. O termo “dinamizada” refere-se à participação ativa e efetiva do educando, estimulado por questionamentos da parte do instrutor, favorecendo a produção e reelaboração do conhecimento.

### Finalidades da exposição dinamizada:

- despertar o interesse dos participantes em relação ao assunto abordado;
- introduzir assunto novo, com componentes cognitivos;
- desenvolver temas específicos relacionados às situações reais de trabalho;
- revelar conhecimentos, habilidades e atitudes dos participantes;
- auxiliar o instrutor a perceber as necessidades dos participantes.

### Planejamento da exposição dinamizada:

- construir o conteúdo necessário utilizando fontes como memória, bibliografia e consultas a outras pessoas;
- elaborar o roteiro da exposição, dividindo o conteúdo em idéias breves e bem expressas, limitando as informações para que possam ser assimiladas prontamente e exemplificando cada ponto importante;
- preparar os recursos instrucionais adequados ao conteúdo, para facilitação da aprendizagem.

### Desenvolvimento da exposição dinamizada:

- apresentar introdução motivadora;
- desenvolver o tema de maneira lógica;



## II- PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

### 1 - O ENSINO

A educação contempla o processo ensino-aprendizagem desenvolvido por meio de procedimentos e técnicas, constando de uma seqüência de ações que visam à troca de conhecimentos.

Durante o processo de ensino-aprendizagem, dá-se a interação entre o instrutor/educador e participante/educando, gerando a transformação de ambos. Isto ocorre porque a interação possibilita uma troca, na qual o educador tem a função estimuladora da reflexão e da ação do educando, auxiliando-o na aprendizagem e na reelaboração do seu saber. Diante do saber popular do educando, não raro acontece a reelaboração do saber científico do educador.

Pode-se entender o processo de ensino como uma seqüência de atividades sistematizadas, orientadas no sentido de se obterem determinados resultados, considerando o conhecimento, as experiências e o desenvolvimento intelectual dos participantes.

O processo de ensino é, ao mesmo tempo, um processo educativo, uma vez que a assimilação dos conhecimentos e o domínio das capacidades e habilidades devem propiciar, aos participantes, condições de desenvolver atitudes diferenciadas, capazes de orientá-los em suas atividades diárias.

Também, como processo, o ensino segue um direcionamento intencional, sistemático e gradual que busca alcançar determinados resultados no sentido de aprimorar, nos participantes, condições intelectuais que lhes permitam, entre

outras capacidades, a de dominar e aplicar conhecimentos e habilidades, bem como de desenvolver atitudes e convicções.

Ressalte-se que o processo de ensino efetivado na execução das ações/atividades pelos instrutores compõe-se dos objetivos, conteúdos, técnicas e condições que se estabelecem nos planos instrucionais elaborados.

Ensinar, portanto, é o ato de facilitar a aprendizagem e, para que haja, realmente, a facilitação da aprendizagem, é necessário que o instrutor:

- saiba que a sua atividade é eminentemente social e que a sua ação influi sobre os acontecimentos em curso no seu meio. Essa ação só pode ser valiosa se o instrutor admitir ser conscientemente participante desses acontecimentos. Sendo assim, uma das fontes de conhecimento do instrutor é a sociedade;
- busque permanentemente o aperfeiçoamento e a atualização de seus conhecimentos técnico-científicos e pratique a metodologia mais adequada ao processo educativo;
- proceda à análise de sua própria realidade pessoal como instrutor/educador e examine, com autoconsciência crítica, sua conduta e seu desempenho como interlocutor no diálogo educacional; e
- saiba que, no processo ensino-aprendizagem, não há uma desigualdade essencial entre instrutor/educador e o participante/educando, mas um encontro amistoso pelo qual um e outro se educam reciprocamente.

## 2 - A APRENDIZAGEM

A aprendizagem é um processo dinâmico e complexo que consiste em assimilar e produzir, de forma ativa, conhecimentos e formas de ação, resultando em modificações nas atividades externa e interna dos indivíduos e em suas relações com o ambiente físico e social. Implica a busca de informações, a revisão da experiência adquirida, a aquisição de novas habilidades, a adaptação às mudanças e a modificação de atitudes e comportamentos.

### Técnicas individualizantes

Oportunizam o trabalho individualizado, enriquecendo a segurança de posicionamento do participante, sua independência e capacidade de tomar decisões por si próprio.

São algumas técnicas individualizantes: leitura de textos, instrução programada, pesquisa de um assunto, estudo de caso e demonstração.

Há que se ressaltar que algumas dessas técnicas podem também ser desenvolvidas em grupo, como é o estudo de caso.

### Técnicas socializantes

Oportunizam a interação com o grupo. Favorecem as habilidades de comunicação, participação, respeito mútuo, integração entre os membros do grupo e consciência democrática.

Dentre as técnicas socializantes estão diversos jogos que se encontram na literatura, técnicas de discussão, tempestade de idéias e exposição dinamizada.

Com relação à técnica instrucional, ressalta-se a necessidade de o instrutor:

- conhecer todos os passos que a permeiam, planejando-a;
- ser claro ao expor suas intenções para com o uso daquela técnica;
- envolver e motivar a turma;
- fazer ajustes necessários à técnica;
- concluir a técnica amarrando-a ao conteúdo programático.

### TÉCNICAS QUE PODEM SER UTILIZADAS PELO INSTRUTOR DO SENAR

Tratar-se-á, aqui, de algumas técnicas que geralmente são mais utilizadas nos eventos do SENAR. No entanto, a criatividade e o interesse do instrutor farão com que se busquem outras alternativas para o aprimoramento de sua ação como educador.

- educando motivado pela percepção dos reais problemas;
- conteúdos ligados a aspectos significativos da realidade dos educandos;
- intercâmbio de conhecimentos e experiências entre todos os participantes;
- desenvolvimento da cooperação na busca de conhecimentos para solução de problemas comuns aos participantes.

### TÉCNICA INSTRUCIONAL

A palavra “técnica”, segundo a sua etimologia, vem do grego e do latim e significa “conjunto de processos de uma arte envolvendo a maneira ou jeito de fazer algo”, ou seja, refere-se ao “como fazer”.

Na situação de ensino, técnica é a forma ou o procedimento estruturado de maneira lógica, utilizado pelo instrutor para conduzir o conteúdo de ação da FPR ou atividade da PS com maior eficácia educacional.

Em várias situações, pode-se combinar mais de uma técnica para atingir determinados objetivos. O importante é que as técnicas instrucionais sejam aplicadas de forma integrada, sem alterar a continuidade do conteúdo.

Na seleção das técnicas instrucionais, deverão ser considerados:

- os objetivos da ação/atividade;
- o conteúdo da ação/atividade;
- o tipo de aprendizagem requerida;
- as características dos participantes da ação/atividade;
- o número de participantes;
- o local da ação/atividade;
- os recursos instrucionais disponíveis.

Pode-se dizer que existem dois grandes grupos de técnicas instrucionais:

- técnicas individualizantes;
- técnicas socializantes.

Para que a aprendizagem venha a acontecer, provocando os efeitos anteriormente citados, necessário se faz que ela seja significativa, estabelecendo relações com o que já se sabe, introduzindo-a num contexto, envolvendo o aprendiz como um todo, com suas idéias, seus sentimentos, sua cultura e sua sociedade.

Quanto mais significativo for o conteúdo do ensino, maior a aprendizagem e a possibilidade de mudanças de valores, conceitos e comportamentos.

Para tanto, o conhecimento deverá estar relacionado à realidade vivenciada pelo aprendiz, para que lhe seja possível buscar respostas às suas questões pessoais e profissionais. E mais, que lhe seja possível a transferência desse conhecimento (conteúdo) em situações e circunstâncias de sua vida, possibilitando-lhe alteração de comportamento e contribuição para as mudanças sociais.

Como já abordado, existem ainda, no processo de aprendizagem, alguns aspectos relevantes que devem ser observados, tais como: a existência de diferenças individuais; a motivação, que requer o despertar do interesse pelo assunto abordado; a concentração, que depende da motivação e é influenciada pelos estímulos do ambiente; e a reação dos participantes, que realimenta o processo.

Em síntese, aprender é tornar-se diferente, traduzindo-se na mudança/ transformação da disposição ou capacidade humana para formar novos hábitos, idéias, atitudes, preferências e destrezas, provocando novos modos de pensar, agir e sentir. O agir, porém, condiciona-se às possibilidades de aplicabilidade daquilo que foi aprendido.

## 3 - DOMÍNIOS DA APRENDIZAGEM

A aprendizagem é um fenômeno complexo, envolvendo grande quantidade de variáveis. O ensino deve propiciar a aprendizagem, de maneira harmônica e equilibrada, em três domínios:

- **domínio cognitivo:** refere-se a conhecimentos, informações ou capacidades intelectuais. Acresce à pessoa a informação e o conhecimento. Enfatiza a recordação ou a reprodução de alguma coisa que presumivelmente foi aprendida, e que envolve a resolução de alguma tarefa intelectual. Promove transformações e mudanças na assimilação, na integração, na fixação e na aplicação de conceitos;
- **domínio afetivo:** refere-se a sentimentos, emoções, gostos ou atitudes. Enfatiza uma tonalidade de sentimento, uma emoção ou um grau de aceitação ou rejeição. Neste domínio da aprendizagem, as mudanças e transformações promovidas ocorrem no nível das idéias, dos interesses, das atitudes, das preferências, dos elementos emotivos e dos valores da pessoa;
- **domínio psicomotor:** refere-se às habilidades operativas ou motoras, isto é, as habilidades para manipular materiais, objetos, instrumentos ou máquinas. Promove transformações e mudanças nos hábitos, nas habilidades ou nas destrezas físicas e mentais.

É importante observar que estes domínios da aprendizagem não são estanques e não ocorrem independentemente, mas concomitantemente. Cada ato educativo traz, em si, componentes dos três domínios. A compreensão ou aquisição de um novo conhecimento interfere na conduta e no sistema de valores da pessoa. Portanto, uma diferente forma de pensar deve gerar novas formas de sentir e agir.

O quadro a seguir sintetiza a combinação dos aspectos relacionados ao processo ensino-aprendizagem aqui apresentados, para efeito de compreensão didática.

Neste sentido, resumidamente pode-se dizer que existem dois métodos básicos de ensino: o método diretivo e o método participativo.

**Método diretivo** - Aquele em que a participação do educando é passiva, não possibilitando a sua reflexão e iniciativa, dando ênfase à exposição dogmática pelo educador.

As possíveis conseqüências do uso deste método são:

- passividade do educando;
- sacralização da imagem do educador;
- distância entre interesses e necessidades dos educandos e o conteúdo ministrado;
- ausência da problematização da realidade, pelo menos por parte do educando;
- visão do educando como objeto a ser moldado pela ação do educador;
- tendência à competitividade entre os educandos;
- tendência a suprimir a originalidade, a criatividade e a autoconfiança do educando;
- tendência a gerar dependência do educando em relação ao educador.

**Método participativo** - O ensino é centrado na participação ativa de quem aprende. A aprendizagem realiza-se mediante a ação do educando.

Este método baseia-se na inter-relação do instrutor com os participantes da ação da FPR e da atividade da PS, dos participantes entre si e de ambos com o contexto social e produtivo.

O “diálogo de saberes” permeia todo o processo, no qual educador e educando estabelecem comunicação horizontal, sem predomínio do saber de um sobre o do outro. Os saberes diferenciados não são tidos como concorrentes ou excludentes, mas complementares.

As possíveis conseqüências do uso deste método são:

- educando ativo em todo o processo ensino-aprendizagem;

## ASPECTOS A SEREM CONTEMPLADOS NO CONTEÚDO

- Informações tecnológicas relativas às ações/atividades, segundo natureza e/ou tipo da programação;
- aspectos referentes ao desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes dos participantes;
- informações relativas à segurança e saúde do trabalhador;
- informações sobre preservação do meio ambiente;
- questões sobre ética e cidadania;
- aspectos de qualidade e produtividade.

No plano instrucional, o conteúdo deve ser apresentado em tópicos, em uma seqüência lógica e contínua, correspondente a cada objetivo específico. Além disso, recomenda-se que, no conteúdo relativo ao primeiro objetivo específico, seja incluída uma introdução, contextualizando o tema a ser abordado.




Finalmente, o conteúdo deve responder às questões: o que fazer, como fazer, com que fazer, para que fazer, por que fazer, quando fazer e onde fazer.

## 2.3 MÉTODOS E TÉCNICAS INSTRUCIONAIS

### MÉTODO INSTRUCIONAL

A palavra “método”, de origem grega, significa caminho, marcha. Na situação de ensino, método é o caminho lógico a ser percorrido para se alcançar a aprendizagem.

Todos os métodos de ensino têm por base uma concepção pedagógica. Sua escolha baseia-se na maneira como o instrutor considera o participante do evento, se como sujeito ou objeto da ação educativa. Como sujeito da aprendizagem, o participante colabora, sugere e participa ativamente da construção do processo da sua aprendizagem. Como objeto, o participante restringe-se à sua condição de ouvinte ou de uma participação, sempre que “autorizada”.

DOMÍNIOS DA APRENDIZAGEM	PRODUTOS DA APRENDIZAGEM	MUDANÇA/ TRANSFORMAÇÃO	MEIOS PARA A MUDANÇA	AÇÃO DO INSTRUTOR PARA PROMOÇÃO DOS DOMÍNIOS
Cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assimilação, integração, fixação e aplicação de conceitos</li> <li>• Informações</li> <li>• Conhecimentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Do desconhecimento ao conhecimento</li> </ul>  <b>Saber</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reflexão</li> <li>• Verbalização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os conhecimentos/vivências dos participantes</li> <li>• Associar as experiências dos participantes com os novos conhecimentos</li> <li>• Graduar o ensino (informações/conhecimento)</li> <li>• Focalizar as idéias-chave (ativação da percepção seletiva)</li> <li>• Exemplificar</li> <li>• Recordar as informações nos momentos oportunos</li> <li>• Dar <i>feedback</i> informativo da verbalização</li> </ul>
Afetivo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Idéias</li> <li>• Interesses</li> <li>• Atitudes</li> <li>• Preferências</li> <li>• Elementos emotivos</li> <li>• Valores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Da predisposição à atitude</li> </ul>  <b>Querer fazer</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação</li> <li>• Reflexão</li> <li>• Discussão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir um ambiente propício à aprendizagem</li> <li>• Valorar o profissional e o conhecimento específico</li> <li>• Valorar os conhecimentos/experiências dos participantes</li> <li>• Valorar a resposta/participação</li> <li>• Utilizar argumentos sistematizados com significação para os participantes</li> <li>• Enfatizar o objetivo da aprendizagem conectado com interesses/necessidades do participante, favorecendo a motivação</li> </ul>
Psicomotor	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Hábitos</li> <li>• Habilidades</li> <li>• Destrezas físicas e mentais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Da potencialidade ao ato</li> </ul>  <b>Fazer</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exercícios</li> <li>• Repetição</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar o resultado final esperado</li> <li>• Dar instruções verbais significativas</li> <li>• Sequenciar os procedimentos, ações e movimentos pertinentes</li> <li>• Desenvolver as habilidades parciais e total</li> <li>• Orientar quanto à necessidade de repetições práticas da habilidade total</li> <li>• Dar <i>feedback</i> informativo do desempenho</li> </ul>



## 4 - ELEMENTOS DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

O instrutor e o participante são os pilares do processo ensino-aprendizagem.

O participante é o principal componente do processo ensino-aprendizagem, visto que todas as ações e todos os procedimentos do instrutor convergem para um só objetivo: que o participante aprenda, de forma ativa, visando a melhorar o seu desempenho no trabalho, sua qualidade de vida, de sua família e a da comunidade na qual está inserido.

O instrutor exerce o papel de educador/facilitador, unindo seus conhecimentos técnicos ao saber didático-pedagógico. Daí que se reveste de importância estudar os princípios da andragogia, aqui apresentados, visando ao alcance eficaz da aprendizagem.

O papel que o instrutor desempenha é de importância fundamental no desenvolvimento do processo educativo, passando pela troca de saberes baseada no diálogo e na busca conjunta de novos conhecimentos. É notório que uma série de fatores interferem nas ações do instrutor, nas quais as circunstâncias podem influir positiva ou negativamente; contudo a sua eficiência depende da forma como encara os fatos e toma decisões. Nesse sentido, faz-se necessário que o instrutor apresente uma ação pedagógica reflexiva no que tange à sua postura profissional.

Desse modo, vale destacar alguns aspectos que podem ser perseguidos, adquiridos ou reforçados pelo instrutor, e que contribuem para que sua prática instrucional seja realmente eficaz, tais como:

- ser organizado;
- criar um ambiente de liberdade de expressão, certificando-se de que todos estejam participando, sendo para isso bom ouvinte e valorizando o *feedback*;
- ser bom observador para perceber os sinais verbais e não-verbais dos que recebem as mensagens que envia;
- agir como facilitador para traduzir teorias em ações práticas;
- estar seguro de que seus objetivos pessoais e profissionais estão em consonância com os objetivos da organização para a qual trabalha e da clientela a quem atende;

## CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DO CONTEÚDO

A seleção de conteúdos deve contemplar a adoção de critérios que permitam o alcance dos objetivos educacionais, sendo eles: validade, flexibilidade, significação e utilidade.

**Validade** – É a coerência, adequação e vínculo que o conteúdo mantém com os objetivos propostos, devendo estar atualizado.

**Flexibilidade** - Deve permitir alterações, adaptações, renovações e enriquecimento em benefício dos participantes, considerando os imprevistos que possam ocorrer durante o evento.

**Significação** - Deve ser adequado às expectativas e experiências do participante e vinculado à sua realidade, à sua vivência, seu interesse e sua cultura, de modo a aprofundar o conhecimento por iniciativa própria.

**Utilidade** – Refere-se à aplicabilidade do conhecimento, propiciando o seu uso posterior em situações novas, contribuindo com a tomada de decisão e com a solução de problemas.

## ASPECTOS BÁSICOS DA ORGANIZAÇÃO DO CONTEÚDO

Existem aspectos que devem ser considerados na organização seqüencial dos conteúdos:

**Logicidade** - Corresponde à seqüência gradual em que devem ser organizados os conteúdos, de forma a demonstrar o crescimento acumulativo do participante em relação aos objetivos propostos.

**Continuidade** - Intimamente relacionada à logicidade, é a articulação e conexão entre os novos conhecimentos e os anteriores, como numa cadeia, na qual cada elo se encaixa aos já existentes, de forma que nenhum conhecimento fique estanque.

## 2.2 CONTEÚDO

### CONCEPÇÃO DE CONTEÚDO

O conteúdo é, em sua essência, processo dinâmico. Significa dizer que, antes de mais nada, deve apresentar elementos da vivência prática tanto do instrutor quanto dos participantes, de maneira a proporcionar uma ação educativa consciente e ativa. O conteúdo, neste sentido, não deve ser trabalhado de maneira linear, mecânica, considerando somente informações técnicas, mas deve também contemplar novos hábitos, habilidades e atitudes.

Existem duas formas de abordagem sobre a determinação de conteúdos da educação: a noção ingênua e a noção crítica (PINTO, 1984).

A **noção ingênua** é aquela em que o conteúdo se reduz à transmissão, ao participante, do que o educador conhece. A **noção crítica** é aquela em que o conteúdo é constituído não somente da “matéria” ou conteúdo ocupacional (tarefas e operações), mas também incorpora as condições sociais e pessoais em todos os elementos do processo ensino-aprendizagem.

O SENAR propõe a noção crítica por entender que o conteúdo não pode ser considerado como uma carga a ser transportada de um lugar a outro, como se o instrutor fosse o doador do saber, e o participante, um mero receptor. O conteúdo deve ser considerado como algo dinâmico e fundamentalmente histórico e variável. Sendo assim, não se pode determinar conteúdos com contornos definidos e estáticos, mas permitir acréscimos e supressões agregando-se elementos pessoais e sociais. Ainda que previamente traçado, deve ser desenvolvido conforme as características da clientela do evento.

O conteúdo deve estar presente em cada ato do instrutor, no decorrer do processo ensino-aprendizagem. Portanto, ele define as técnicas de ensino (formas de desenvolvimento do conteúdo) que serão utilizadas. Logo, conteúdo e técnica estão interligados, associam-se e interagem.

O conteúdo é definido a partir da determinação do objetivo geral e dos objetivos específicos, considerando o diagnóstico da realidade e das necessidades da clientela, abrangendo os conhecimentos, habilidades e atitudes determinados para cada um dos objetivos específicos.

- exercitar a paciência pedagógica, respeitando o tempo de aprendizagem e de mudança do outro e de si próprio;
- ter equilíbrio para bem administrar as emoções e os conflitos inerentes às relações interpessoais;
- considerar a cultura local, respeitando e valorizando crenças e costumes das comunidades;
- aprender a falar fácil sobre coisas difíceis, não sonhando informações, mas decodificando símbolos através da sua relação com a vida real;
- agir com humildade, sabendo colocar seus conhecimentos sem arrogância e tendo coragem de dizer que não sabe determinadas coisas, mas que se dispõe a aprender;
- ser honesto com seus princípios e atitudes, para poder inspirar a confiança dos outros;
- estar atento à questão da ética no exercício do seu trabalho e na relação com as pessoas.

Além do participante e do instrutor, outros elementos do processo ensino-aprendizagem são os meios geográfico, político, econômico, social e cultural, que contribuem para a determinação dos objetivos a serem alcançados. Finalmente, a metodologia, outro elemento do processo, é o que instrumentaliza o instrutor sobre como conduzir a ação da FPR e a atividade da PS, de maneira que os objetivos propostos sejam alcançados.

### Objetivo Específico

Ação:  
O que fazer?

Condição:  
Com o quê?

“Determinar o custo da produção de leite, utilizando a metodologia adequada, verificando a eficiência da produção”.

Critério:  
Com que  
qualidade?

### Exemplo 3 – Promoção Social

#### Objetivo Geral

Ação:  
O que fazer?

Condição:  
Com o quê?

“Confeccionar cestas com papel jornal”.

#### Objetivo Específico

Ação:  
O que fazer?

Condição:  
Com o quê?

“Pintar a cesta utilizando o material de pintura, observando o tempo de secagem entre uma tinta e outra”.

Critério:  
Com que  
qualidade?



## EXEMPLOS DE OBJETIVOS

## Exemplo 1 – Formação Profissional Rural

## Objetivo Geral

Ação:  
O que fazer?

Condição:  
Com o quê?

“Aplicar defensivos agrícolas, com pulverizador costal manual”.

## Objetivo Específico

Ação:  
O que fazer?

Condição:  
Com o quê?

“Revisar o pulverizador costal manual, utilizando chaves, lubrificantes e água, verificando a inexistência de vazamentos, bem como se o jato sai uniforme, constante e em forma de sereno”.

Critério:  
Com que  
qualidade?

## Exemplo 2 – Formação Profissional Rural

## Objetivo Geral

Ação:  
O que fazer?

Condição:  
Com o quê?

“Analisar o desempenho econômico da atividade leiteira, utilizando as medidas de resultado econômico”.



## III- FORMAÇÃO PROFISSIONAL RURAL (FPR) E PROMOÇÃO SOCIAL (PS)

### 1 - CONCEITOS E ASPECTOS IMPORTANTES

A FPR é um processo educativo, não-formal, participativo e sistematizado, que possibilita a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes ao indivíduo, para o desempenho de uma ocupação.

A PS é um processo educativo, não-formal, participativo e sistematizado, que visa ao desenvolvimento das aptidões pessoais e sociais do trabalhador e produtor rural e de suas famílias, possibilitando melhor qualidade de vida, consciência crítica e participação na vida da comunidade.

Sendo a FPR e a PS processos educativos, não-formais, participativos e sistematizados, devem, portanto:

**Instrumentalizar o indivíduo para sua maior participação na vida em sociedade e/ou inserção no mercado de trabalho** – A FPR e a PS devem contemplar, em seus conteúdos, aspectos técnicos associados a uma ampliação de reflexão e visão crítica, contribuindo para a obtenção de ganhos sociais e econômicos. Também promovem a socialização do indivíduo, gerando, como resultado, sua identificação com as preocupações e aspirações do seu grupo, exercendo funções não apenas lucrativas, mas que também representam papel de importância para a vida comum. O indivíduo passa a ter a compreensão de si mesmo, do seu grupo social e da realidade que o cerca.

**Promover a integração do conhecimento** - A FPR e a PS devem conjugar os saberes do instrutor e do participante, aproveitando as experiências atuais e das gerações passadas.

Especificamente no caso da FPR, deve:

**Possibilitar ao trabalhador/ produtor a capacidade de gerenciamento do seu trabalho** - A FPR é centrada na ocupação, no processo produtivo e no mercado de trabalho. Portanto, é necessário que o trabalhador/ produtor conheça a sua área de trabalho e compreenda o processo de produção, tendo em vista a necessidade de entender e prever os efeitos de possíveis erros na cadeia produtiva, sendo capaz de tomar decisões ante diversas alternativas do seu conhecimento.

## 2 - ASPECTOS A SEREM CONSIDERADOS NA CONDUÇÃO DAS AÇÕES DA FPR E DAS ATIVIDADES DA PS

Em relação ao adulto, necessário se faz pensá-lo como indivíduo capaz de se corresponsabilizar pelo seu processo de aprendizagem, haja vista ter ele experiências e conhecimentos acumulados ao longo da vida.

Em se tratando da FPR e da PS, esta situação torna-se presente, uma vez que o trabalhador/ produtor rural possui uma tradição de oralidade, de conhecimento passado de pai para filho, ainda que em nível de senso comum, mas que pode e deve ser reelaborado, discutido, analisado criticamente, sabendo-se como e por que utilizá-lo.

Para tanto, é importante haver postura diferenciada do instrutor, o qual tem, junto aos participantes da ação/atividade, a responsabilidade de desenvolver o processo ensino-aprendizagem.

É preciso que o instrutor se aperceba de que a interação com os participantes é ponto-chave para o desenvolvimento eficiente e eficaz do trabalho educativo.

Nesse contexto, o instrutor, enquanto educador, precisa levar em conta os saberes da experiência e do conhecimento técnico e pedagógico. Por saberes da experiência se entendem todos os saberes advindos de diferentes

Componentes dos objetivos	Ação	Condição	Critério ou Padrão de Desempenho
Descrição	Indica o que o participante deverá ser capaz de saber e fazer, ou seja, qual o comportamento observável. É expresso por meio de um verbo no infinitivo e seu complemento.	Indica a situação ou os meios em que a ação será demonstrada.	Indica com que rendimento (qualidade ou quantidade) a ação deverá ser demonstrada, para que se possa avaliar e determinar quando o objetivo foi alcançado.
Questões usadas	O que fazer?	Sob que condições? Onde? Como? Com quê?	Com que qualidade? Com que quantidade?
Exemplos	<ul style="list-style-type: none"> <li>Citar as diferenças básicas entre o associativismo e o cooperativismo<sup>1</sup>;</li> <li>Partilhar experiências sobre a administração rural<sup>2</sup>;</li> <li>Introduzir a borbulha<sup>3</sup></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>... no aspecto da sua formalização<sup>1</sup>;</li> <li>... de propriedades familiares<sup>2</sup>;</li> <li>... utilizando canivete de enxertia<sup>3</sup></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>... obedecendo à legislação vigente<sup>1</sup>;</li> <li>... colaborando com o desenvolvimento do grupo<sup>2</sup>;</li> <li>... deslizando-a sobre a lâmina e obtendo encaixe perfeito na incisão<sup>3</sup>.</li> </ul>

<sup>(1)</sup> Objetivo do domínio cognitivo

<sup>(2)</sup> Objetivo do domínio afetivo

<sup>(3)</sup> Objetivo do domínio psicomotor

- No domínio cognitivo, os objetivos expressam a reprodução do que foi aprendido, ou a resolução de alguma atividade intelectual para a qual o indivíduo tem que determinar o problema essencial, combinando idéias, métodos ou procedimentos previamente aprendidos;
- no domínio afetivo, os objetivos enfatizam o sentimento, emoção ou grau de aceitação ou rejeição e expressam interesses, atitudes ou valores;
- no domínio psicomotor, os objetivos enfatizam alguma habilidade motora.

A determinação de quais domínios serão contemplados nos objetivos educacionais depende dos resultados pretendidos com a aprendizagem. Para facilitar a expressão dos objetivos, apresentam-se, em anexo, sugestões de verbos para cada domínio da aprendizagem.

Os objetivos também podem ser classificados em geral e específicos.

**Objetivo geral** - Expressa a mudança/transformação que o participante deve alcançar ao final da ação da FPR e da atividade da PS, sendo a base para o desempenho desejável na ocupação/atividade. Caracteriza-se por ser mais amplo, alcançável em maior prazo e por indicar o comportamento final do participante.

**Objetivos específicos** - Expressam os comportamentos observáveis, fornecendo padrões para avaliações de desempenho. Derivam do objetivo geral, facilitando e permitindo o seu alcance. Caracterizam-se por serem mais simples, concretos e alcançáveis em menor tempo. Indicam os comportamentos parciais que evidenciam a aprendizagem para o alcance do objetivo geral.

## COMPONENTES DOS OBJETIVOS

Os objetivos contêm os seguintes componentes: ação, condição e critério.

O objetivo geral deve conter a ação e a condição; o objetivo específico deve conter a ação, a condição e o critério ou padrão de desempenho.

O quadro a seguir traz explicações sobre cada um dos componentes dos objetivos geral e específicos.

práticas e situações vivenciados ao longo de sua existência. Também precisa levar em conta os saberes do conhecimento específico, referente à ação da FPR ou atividade da PS que ele pretende desenvolver, e ainda, os saberes pedagógicos, referentes a como desenvolver a ação/atividade, nas diferenciadas áreas da aprendizagem, de maneira que o objetivo possa ser alcançado.

Neste enfoque, necessário se faz ter o conhecimento como procura, não como posse, o que coloca em questão a postura do instrutor como aquele que tem autoridade, que trata com rigor as questões discutidas, mas não com autoritarismo, como senhor e dono do conhecimento.

No ambiente da FPR e da PS, é preciso que haja compromisso, cooperação, questionamentos, críticas e senso de responsabilidade dos participantes, comportamentos condizentes com uma postura adulta.

Em síntese, para que se possa desenvolver de forma eficiente o trabalho da FPR e da PS, é preciso identificar as características que distinguem as condições de aprendizagem de adultos.

Masetto (1992) enumera alguns princípios que norteiam o processo ensino-aprendizagem do adulto, que podem propiciar condições para facilitar a aprendizagem. Entre eles, destacam-se:

**Participação** - Em se tratando de adultos, o processo de aprendizagem dá-se por meio de trocas de idéias, informações, habilidades e experiências. Esta troca deve ser estabelecida entre os elementos da ação da FPR e atividade da PS, englobando instrutores e participantes, participantes entre si e ambos com o ambiente.

**Valorização da experiência e da contribuição dos participantes** - No caso do adulto, seu interesse pelo aprendizado está diretamente ligado às experiências por ele vivenciadas no cotidiano. Por este motivo, é necessário que o instrutor dê condições para que a experiência dos participantes seja aproveitada como contribuição no desenvolvimento dos conteúdos estabelecidos nas ações/atividades.

**Explicitação do significado** - Para o adulto, é de suma importância a apreensão do significado da aprendizagem. Para tanto, os conteúdos desenvolvidos precisam estar relacionados às vivências e experiências dos participantes das ações/atividades.

Este relacionamento permitirá que os participantes se sintam seguros para estabelecer paralelos entre os conteúdos desenvolvidos e a prática vivenciada, para onde serão revertidos os conhecimentos construídos, levando a que os participantes se sintam estimulados a modificar seu comportamento em relação ao outro e ao mundo.

**Exposição clara dos objetivos** - A exposição clara dos objetivos a serem alcançados deve fundamentar-se na identificação de necessidades, carências, expectativas e interesses dos participantes. Este aspecto é determinante no processo de aprendizagem do adulto.

**Criação de um sistema de *feedback* contínuo** - O instrutor da ação/atividade deverá explicitar, como parte do processo ensino-aprendizagem, um sistema de *feedback* que possibilite, ao instrutor e aos participantes, a avaliação do alcance dos objetivos propostos, visando a ajustes e redirecionamentos.

**Desenvolvimento de uma reflexão crítica** - Uma vez que a FPR e a PS são processos educativos, devem propiciar, aos participantes, oportunidades para que possam analisar criticamente suas situações de trabalho, relações pessoais e perspectivas sociais, na busca de alternativas que possam melhorar suas condições como profissional e cidadão.

**Estabelecimento de um contrato psicológico** - No processo da FPR e da PS, é necessário que o instrutor estabeleça um contrato psicológico com os participantes. Para tanto, deverá desenvolver um equilíbrio entre a sua proposta e as necessidades e expectativas dos participantes, por meio do diálogo. Nesse momento, é oportuno que o instrutor esclareça, ao grupo, sobre o desenvolvimento da ação/atividade e das exigências a serem cumpridas.

Por fim, há que se considerar que a tendência do mundo educacional é tornar cada processo de ensino uma porta para novos conhecimentos. O sujeito deve ser estimulado a buscar, por si, o aprofundamento dos saberes, tornando-se necessário que o instrutor indique fontes e recursos para a busca autônoma, pelo participante, de novas informações que ampliem suas possibilidades profissionais, sociais e econômicas.

## FORMULAÇÃO DOS OBJETIVOS EDUCACIONAIS

Um objetivo educacional bem formulado comunica, de forma significativa, o alvo que se deseja alcançar e, além disso, deve excluir a possibilidade de que um propósito venha a ser confundido com outro.

Objetivos educacionais bem definidos atendem aos seguintes aspectos:

- são orientados para os participantes da ação/atividade: significa que a ênfase é no que o participante vai ser capaz de fazer ou saber, e não no que o instrutor pretende desenvolver;
- são claros e compreensíveis, descrevendo o resultado desejado da aprendizagem: precisam ter um verbo no infinitivo, claramente definido, que descreve a ação ou comportamento do participante;
- são viáveis ou alcançáveis pelos participantes da ação/atividade, por intermédio de métodos e meios adequados;
- são observáveis e mensuráveis;
- são significativos ao participante e baseados em necessidades educacionais relevantes;
- são aceitáveis pelos agentes econômicos e sociais e pelos próprios sujeitos da formação.

Objetivos educacionais bem formulados favorecem o alcance dos resultados esperados da aprendizagem, uma vez que fornecem um roteiro aos instrutores para adotar métodos pedagógicos mais sistemáticos no planejamento das estratégias instrucionais.

## CLASSIFICAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DOS OBJETIVOS

Em geral, os objetivos educacionais são freqüentemente classificados dentro dos três domínios da aprendizagem: **cognitivo**, **afetivo** e **psicomotor**.

Os componentes do plano instrucional são os seguintes:

## 2.1 OBJETIVOS

Define-se objetivo como sendo o alvo ou o fim que se quer atingir, ou ainda, o propósito ou o intuito de alguém em alcançar algo. A formulação de objetivos alcançáveis e adequados à realidade é fundamental para garantir a viabilidade de qualquer atividade.

Objetivos educacionais ou da aprendizagem são afirmações claramente estabelecidas ou descrições que documentam a intenção do instrutor e os resultados educacionais esperados após implementação do processo ensino-aprendizagem. Essencialmente, os objetivos educacionais exprimem, de forma significativa, o que o instrutor espera dos participantes, após completar sua ação ou atividade, em termos de habilidades, atitudes e comportamentos.

No processo educativo, a determinação de objetivos é primordial, uma vez que eles:

- constituem a base para o planejamento;
- norteiam a avaliação objetiva, tornando explícitas as condições necessárias a seu alcance;
- fornecem, aos participantes, um meio de organizar os próprios esforços para alcançá-los; e
- são a origem para determinação do conteúdo, a seleção das técnicas e dos recursos instrucionais, dos procedimentos de avaliação e da determinação da carga horária.

Principalmente no caso da FPR, além de promover o conhecimento técnico relativo às exigências da ocupação em questão, os objetivos devem contemplar a busca, dentre outros atributos, do desenvolvimento da capacidade de organização, de gerenciamento, comunicação, negociação e inovação dos participantes.



# IV- ELABORAÇÃO DO PLANO INSTRUCIONAL

## 1 - CONCEITO E IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO

Sabe-se que o ato de planejar permeia todas as áreas do trabalho humano. As mudanças cada dia mais velozes, as novas tecnologias, a ciência e as questões sociais e econômicas requerem dos profissionais a ação do planejamento consciente e competente. Fala-se muito, atualmente, do ato de planejar e de sua importância, mas afinal o que é planejamento?

Planejamento é um processo que visa a ordenar o curso das ações/atividades e a racionalização de recursos para que sejam alcançados objetivos previamente fixados. É um processo mental que requer análise, reflexão e previsão, preparando um conjunto de decisões, com vistas a ação posterior, para alcançar determinados objetivos.

O planejamento é um processo contínuo que se preocupa com o “para onde ir”, e “quais as maneiras adequadas de chegar lá”, tendo em vista a situação presente e as possibilidades futuras. Portanto, permite:

- o estabelecimento de uma situação futura desejada;
- a coordenação e o controle das decisões tomadas;
- as condições de escolher meios mais eficazes para o alcance do objetivo;
- a indução a maior responsabilidade, precisão e coerência na execução da ação/atividade; e
- maior controle de possíveis falhas e insucessos.

Permeiam o planejamento as convicções da organização e do instrutor sobre a amplitude e direção que se quer empregar no processo educativo. No que tange ao instrutor, é mister a análise do papel que se deseja destacar para a atuação pedagógica e trato com os participantes.

## 2 - PLANO INSTRUCIONAL

O resultado da atividade mental de planejar denomina-se plano. No SENAR, o instrumento de planejamento do instrutor é o plano instrucional. Ele contém um conjunto de ações educativas elaborado e utilizado pelo próprio instrutor, na execução das ações/atividades.

OBJETIVO GERAL:	Carga Horária	
	Avaliação	
	Recursos Instrucionais	
	Técnicas Instrucionais	
	Conteúdo	
	Objetivos Específicos	



PLANO INSTRUCIONAL - PROMOÇÃO SOCIAL		
Título da atividade da PS: _____ Área de atividade: _____ Atividade: _____		Tipo da programação: _____ _____ _____
INSTRUTOR		
Nome: _____ Profissão: _____ Entidade a que se vincula ou onde trabalha: _____		
PARTICIPANTES		
Nº de participantes: _____ Participantes do sexo masculino: _____ Participantes do sexo feminino: _____ Escolaridade : _____ Ensino fundamental completo: _____ Ensino médio completo: _____ Ensino superior completo: _____ Sem escolaridade: _____ Participantes com necessidades especiais - (especificar as necessidades): _____		Produtores rurais: _____ Trabalhadores assalariados: _____ Trabalhadores autônomos: _____ Idade: até 16 anos: _____ de 16 a 18 anos: _____ de 18 a 65 anos: _____ acima de 65 anos: _____ Etnia: branca: _____ negra: _____ parda: _____ amarela: _____ indígena: _____
Data da elaboração do plano: _____/_____/_____	Carga horária total: _____/horas	Local de realização da ação: _____ Período de realização da ação: _____ Assinatura do instrutor: _____

Deve ser elaborado a partir da identificação de necessidades. Para isso, o instrutor deve receber informações prévias que permitirão a sua adequação à realidade concreta dos participantes.

Deve possuir componentes essenciais ao bom planejamento das ações/atividades, quais sejam:

- Deve conter, na capa, algumas informações que auxiliem o instrutor no planejamento e na execução das ações/atividades.

- Identificação da ação: título, linha de ação, área ocupacional, ocupação; natureza e tipo da programação.

- Identificação da atividade: título, área de atividade, atividade e tipo da programação.

Para maior organização do planejamento, sugere-se que o plano instrucional tenha a seguinte formatação:

PLANO INSTRUCIONAL - FORMAÇÃO PROFISSIONAL RURAL

Título da ação da FPR: _____ Linha de ação: _____ Área ocupacional: _____ Ocupação: _____	Natureza da programação: _____ Tipo da programação: _____ _____
INSTRUTOR	
Nome: _____ Profissão: _____ Entidade a que se vincula ou onde trabalha: _____	

PARTICIPANTES

Nº de participantes: _____ Participantes do sexo masculino: _____ Participantes do sexo feminino: _____ Escolaridade : _____ Ensino fundamental completo: _____ Ensino médio completo: _____ Ensino superior completo: _____ Sem escolaridade: _____ Participantes com necessidades especiais - (especificar as necessidades): _____	Produtores rurais: _____ Trabalhadores assalariados: _____ Trabalhadores autônomos: _____ Idade: de 16 a 18 anos: _____ acima de 18 anos: _____ Etnia: branca: _____ negra: _____ parda: _____ amarela: _____ indígena: _____
Data da elaboração do plano: _____/_____/_____	Carga horária total: _____/_____/_____/horas
Local de realização da ação: _____ Período de realização da ação: _____ Assinatura do instrutor: _____	

OBJETIVO GERAL:

Objetivos Específicos	Conteúdo	Técnicas Instrucionais	Recursos Instrucionais	Avaliação	Carga Horária